

## RESUMO

Iris Maria Negrini Ferreira

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

### Do Neoexpressionismo Ao Campo Ampliado: Trajetória De Carlos Vergara Nos Anos 1960

Através do conceito de Troc, de Michel Baxandall, em que o autor propõe que observemos os produtos artísticos (no caso original “os quadros”) tanto individualmente como no panorama geral em que estão inseridos, é possível analisar a trajetória artística de Carlos Vergara (1941) nos anos 1960, em convergência com o ambiente artístico e social nesse período, sobretudo no Rio de Janeiro, em que consideráveis transformações ocorreram na arte, caracterizadas pela subversão de paradigmas da arte moderna como o da “autonomia” da arte e da pureza dos meios expressivos, em direção a um estado de pluralismo artístico pela instauração de meios, de códigos e signos inéditos, que, inicialmente, ligaram-se ao Novo Realismo europeu e a Pop Art Americana. Como essas novas tendências, de alguma maneira, estariam interligadas e agindo em conjunto na prática artística de Vergara? Por volta de 1963, o artista produziu pinturas em forte consonância com o neoexpressionismo, legado de seu convívio de cerca de dois anos com Iberê Camargo. A partir da metade da década, passou a conviver, também, com artistas que aderiram às novas linguagens figurativas, que pela prática dos brasileiros ganharam novos significados, sobretudo, pela utilização da arte como meio de denúncia dos problemas políticos e sociais decorrentes da instauração do regime militar (1964). Esse foi um importante fator do rompimento entre Vergara e Camargo, que por sua vez, era avesso à associação de questões exteriores ao universo formal da arte. A nova postura de Vergara promoveu uma grande reviravolta nos aspectos visuais e materiais de seus trabalhos. A pesquisa interessa-se em rever a diversidade de trabalhos realizados por Vergara na década de 1960 - dentre os quais pinturas, serigrafias, objetos em acrílico, duas ambientações/instalações (Berço Esplêndido – 1967, Empilhamentos – 1969) e um happening (inauguração da Galeria G4, 1996) – em diálogo com discussões sobre arte em voga naquele decênio, em especial, naqueles trabalhos que representaram estratégias inovadoras de um campo de arte ampliado com a inauguração de uma relação provocativa e participativa com o público, direcionando-se para diversas tendências relacionadas à desmaterialização da arte.